



ENARA - Executiva Nacional das
Associações Regionais de Arquivologia

Arquivistas unidos pelo fortalecimento da profissão!!!

A FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Francinete Fernandes de Sousa (UEPB)¹

José Tavares dos Santos (UEPB)²

Josivan Soares Ferreira (UEPB)³

Aryelli Sterphani Costa de Sousa (UEPB)

RESUMO

Este trabalho, ora em andamento, visa diagnosticar, através de levantamento de dados, os conhecimentos prévios dos alunos que ingressam no curso de Arquivologia, no primeiro período do curso, na Universidade Estadual da Paraíba, quais as suas expectativas, seus interesses e suas afinidades com a área. A partir do diagnóstico objetiva-se desenvolver ações que apresentem o curso de maneira que os ingressantes e futuros profissionais, tenham idéia clara da essência do curso, das linhas de pesquisas e do seu campo de trabalho, visando à capacitação, atualização técnica, renovação de programas de ensino-aprendizagem, bem como propostas didático-pedagógicas que atendam as novas expectativas do mercado de trabalho da região. O método utilizado é o descritivo exploratório: a pesquisa encontra-se na sua segunda fase. Foram coletadas num primeiro momento, 610 perguntas feitas pelos estudantes do primeiro ano do curso de Arquivologia. Este material recebeu um tratamento estatístico, proporcionando os primeiros resultados do diagnóstico. A segunda fase constou de um questionário com 33 perguntas relacionadas aos aspectos socioeconômicos e cultural dos alunos. Este questionário foi respondido por 84 estudantes. Foi procedido o tratamento estatístico, com resultados significativos. Pretende-se, a partir dos resultados obtidos, criar estratégias de ação que viabilizem programas de ensino-aprendizagem que possam produzir a excelência acadêmica dos futuros profissionais com capacidade de atender as novas demandas da sociedade.

Palavras-Chave: Arquivologia. Ensino. Avaliação

¹ Profª. Doutoranda em Literatura de Cordel. Docente do Curso de Arquivologia.
(neteducadora@gmail.com) – UEPB

² Profª. Mestre em Estatística. Docente do Curso de Arquivologia.
(zettavares@hotmail.com) – UEPB

³ Alunos Graduandos de Arquivologia – UEPB
(josivansoares@yahoo.com.br) , (aryelliarq@hotmail.com) – UEPB



1. INTRODUÇÃO

Uma das grandes questões que se coloca, em termos de ensino universitário, no Brasil, hoje é: até que ponto os nossos alunos, futuros profissionais, poderão construir uma mentalidade acadêmica produtora de tal forma que dê conta das novas demandas do mercado e da sociedade? Até que ponto os nossos estudantes oriundos do ensino médio, na sua maioria, de escolas públicas, possuem condições para uma real imersão no mundo da pesquisa, formação, e aperfeiçoamento técnico-humano propostos pelas universidades?

Neste sentido, torna-se relevante pensar que a problemática envolve não só o desempenho do profissional em formação, mas a qualidade de nossos cursos. É imperioso, assim, criar um quadro de valorização do processo ensino-aprendizagem que vislumbre um acompanhamento sistemático de todas as etapas de formação deste futuro profissional, de modo que eles saiam das universidades em condições de produzirem, transferirem e disseminarem conhecimentos, visando o desenvolvimento social e sua realização pessoal.

Jardim (2003) afirma que a dimensão científica da arquivologia alterou as condições de produção e exige um novo discurso do profissional ligado a área arquivística. Tal fato, deve-se ao surgimento de novas normas de produção, traduzida por um comportamento informacional que segue as exigências do capitalismo moderno, tais exigências, segundo o estudioso, estão ligadas aos serviços de informação arquivística; a identidade e a sua formação profissional. Para o autor citado, tudo passa por uma reflexão sobre a Arquivologia como disciplina e neste sentido MALHEIRO (2004), coloca-nos um quadro bastante inquietante: para ele, incomoda o fato de se pensar a Ciência a partir de questões meramente formais, apenas como uma construção social. Segundo suas palavras:

A proliferação de disciplinas pretensamente científicas vem acompanhando o momento natural de reforço identitário e corporativo das profissões, estabelecendo-se, assim, uma curiosa simbiose entre dois conceitos nascidos distintos: ciência e profissão. Legitimar cientificamente uma profissão, como a de bibliotecário, de documentalista, de arquivista, de museólogo ou a de jornalista, surge da indissociável da presença, recente em Portugal, da



respectiva formação graduada oferecida pelas universidades, como se ciência e universidade fossem sinônimos. (p.13)

O autor chama a atenção, delimitando seu pensamento ao seu país de origem (Portugal), no entanto entendemos que se aplica também ao Brasil, para a diferença necessária entre fazer ciência no sentido dos aprofundamentos de quesitos teóricos, quebra de paradigmas e dogmas de investigação científica e os quesitos de ordem puramente formal, como o fato de que equivocadamente se pensa que se produz ciência, a partir da existência de profissionais, revistas especializadas, número elevado de pesquisadores em determinada região, ofertas de curso de graduação e pós-graduação em universidades públicas e privadas (Op. cit, 13).

Na verdade, ele pretende mostrar que o fazer científico como diríamos em bom português “está para além mar...”, ou seja, transcende as questões burocráticas, apesar de passar por estes dados de realidade, pois constitui verdade, identifica-se e respalda-se uma instituição de qualidade se esta tem em seus quadros um número significativo de cientistas e publicações em dada área de conhecimento.

A provocação do professor Malheiro (2006), no nosso entender, propõe um redimensionamento do pensar a universidade e a formação de profissionais, especificamente no âmbito da Ciência da Informação. Para ele, torna-se significativo que mais e mais os profissionais ligados às diversas áreas do saber que congregariam a CI (arquivistas, comunicólogos, profissionais da computação, bibliotecários, documentalistas) reconheçam a complexidade do fazer científico de forma crítica e busquem as aproximações razoáveis e possíveis, para além das querelas profissionais.

Vislumbrando, assim, uma imersão na área da Ciência da Informação de modo que possamos vir a contribuir de maneira efetiva para a consolidação do curso de Arquivologia na Paraíba, não como mais um curso, porém conectado com as novas demandas da sociedade e atentos para os encaminhamentos que estudiosos da área, tanto nacionais quanto internacionais apontam, no sentido quebra de paradigmas e de abertura de horizontes, pensamos que seria sensato, antes de programarmos as nossas ações pedagógicas a longo e médio prazos, atribuindo-lhes um caráter mais analítico e crítico dos postulados teóricos da área e neste momento citamos Jardim (2003) que afirma:



“Cabe assinalar, porém, que a bagagem cognitiva de muitos de nossos alunos expressa-se, em diversas circunstâncias, nas suas dificuldades na leitura da literatura especializada, na expressão escrita, na análise e síntese que permitem a construção de mapas conceituais. Nos casos em que predomina, durante o processo de ensino, a abordagem científica do fenômeno informacional arquivístico e não o tecnicismo de receituário, o aluno terá muitas dificuldades em superar as eventuais limitações que traga do 2o Grau.”

2. PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO

A idéia, deste projeto de pesquisa e extensão, nasceu de um exercício de sala de aula da disciplina Fundamentos Arquivísticos, em que foram coletadas 610 perguntas feitas pelos 84 alunos dos turnos manhã e noite do curso de arquivologia/2007. Tais perguntas refletem as inquietações dos estudantes (já verificadas de forma empírica) que ingressam no curso, sobre o que lhes esperam, o que é realmente a área, etc. Resolvemos, assim, criar um banco de dados a partir das perguntas elaboradas pelos alunos, apresentando estatisticamente os questionamentos coincidentes e reveladores do perfil dos que ingressaram no curso em 2007.

Dessa forma, averiguou-se a necessidade de compreensão e avaliação das características desse educando que chega a Universidade, quais suas expectativas e grau de conhecimento a respeito da área que pretende estudar. A partir desses elementos, a nosso ver, teremos condições de criar ações estratégicas para melhorar a qualidade de atendimento ao educando e por conseqüência, aprimorar a qualidade do curso que preconiza um profissional que não seja apenas um guardador de papel⁴, mas alguém capaz de dialogar com a sociedade e compreender que o surgimento de redes mais e mais complexas de comunicação vai exigir deste, uma nova postura na sociedade.

Nos propomos, desenvolver uma pesquisa de extensão⁵ que em um primeiro momento busca reconhecer através de um estudo do perfil sócio-econômico, quem é a

⁴ Expressão utilizada pelo professor José Maria Jardim no texto a universidade e o ensino de Arquivologia no Brasil.

⁵ Projeto aprovado em outubro de 2007 pela Universidade Estadual da Paraíba.



clientela que o curso está absorvendo, quais as suas condições materiais de existências, quais as suas competências e quais as condições reais de formação profissional.

O nosso objetivo a partir das informações obtidas, é o de criar instrumentos e mecanismos de participação social, para que os alunos desenvolvam, com melhor qualidade, os seus estudos e possam ser profissionais que venham atuar no mercado de trabalho de maneira consistente, visando o desenvolvimento de sua região.

2.1 METODOLOGIA

Através do método exploratório, codificamos e selecionamos as questões coincidentes e que apareceram com mais frequência nas 610 perguntas feitas pelos alunos do período 2007.1:

Codificação das Perguntas

Q = Questão

- Q1. – Áreas de atuação do Arquivista; Q2. – Mercado de trabalho para o profissional;
Q3. – Importância do profissional para a sociedade; Q4. – Diferença da Arquivologia para outras áreas que trabalham o conteúdo Informação, como: Ciência da Informação, Biblioteconomia, etc.; Q5. – Como surgiu o curso? Há quanto tempo existe no Brasil?; Q6. – O profissional Arquivista trabalha apenas com documentos em suportes de papel? E quanto a novas tecnologias?
Q7. – Remuneração do Arquivista?; Q8. – Literatura específica disponível da área?
Q9. – Especializações na área?; Q10. – Por que surgiu o curso na Paraíba?

2.3 - Questionário controlado

O questionário foi aplicado nas turmas ingressantes de Arquivologia, contando com 33 perguntas, divididas em dois tópicos: *Socioeconômico e Você, seus estudos e a Universidade*. Escolhemos, para esta reflexão as variáveis com dados mais expressivos:

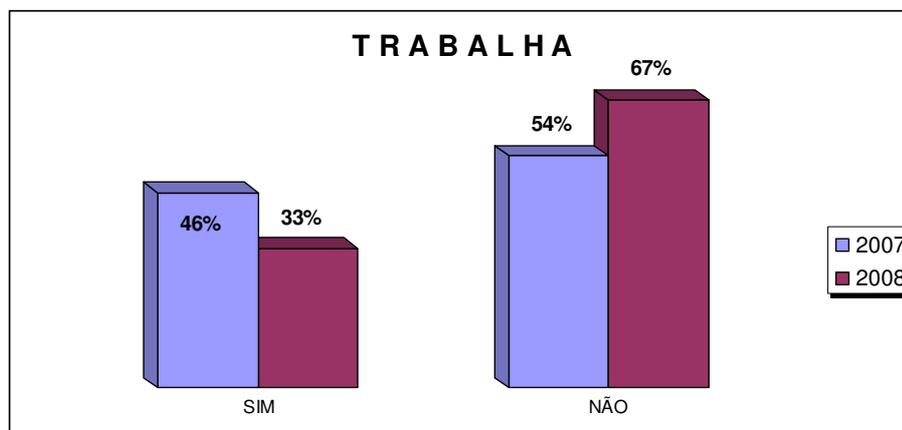
1. O aluno trabalha?;
2. Que o motivou a fazer o curso?;

3. Está satisfeito com o curso?;
4. Área de atuação?
5. Gosta de ler?;
6. Quantos livros já comprou da área?;
7. Cor; sexo; Idade; renda;
11. Qual o grau de importância que os mesmos dão as disciplinas da grade curricular?.

3. ANÁLISE DOS DADOS

A partir da análise dos dados construímos gráficos auto explicativos que demonstram a situação atual dos alunos. Vejamos, abaixo:

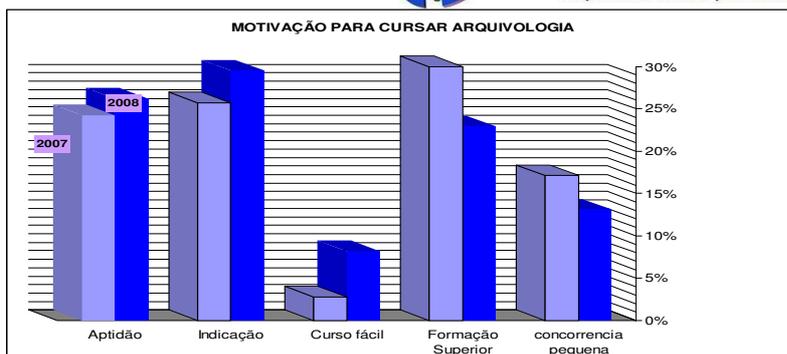
GRÁFICO 1 – PERCENTUAL DOS ALUNOS QUE TRABALHAM



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Verificamos no gráfico 1, que o alunado é constituído por pessoas que na maioria não trabalha, tanto no ano de 2007 quanto no de 2008. Embora haja um número elevado dos que não trabalham, pode-se inferir que a causa do não trabalho deve-se a falta de emprego e não opção de não trabalhar.

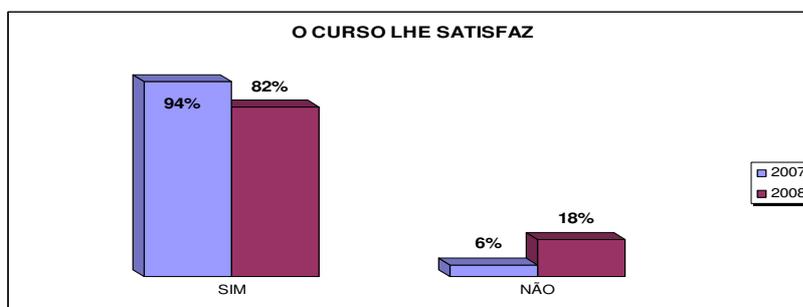
GRÁFICO 2 – MOTIVAÇÃO PARA CURSAR ARQUIVOLOGIA



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Quando perguntamos sobre o que motivou a fazer o curso de arquivologia, os mesmos responderam em 2007: possuir um curso superior (Ver gráfico 2), demonstrando assim, que, muitas vezes, sem reunir as condições necessárias, o fizeram. Já em 2008, o alunado escolheu o curso de arquivologia por indicação, o que demonstra divulgação maior do curso junto à sociedade, vez que ainda é bastante natural se perguntar: Arqi... o que? Mostrando assim, através dessa pesquisa, de que não se tem clareza sobre a importância da profissão para a sociedade.

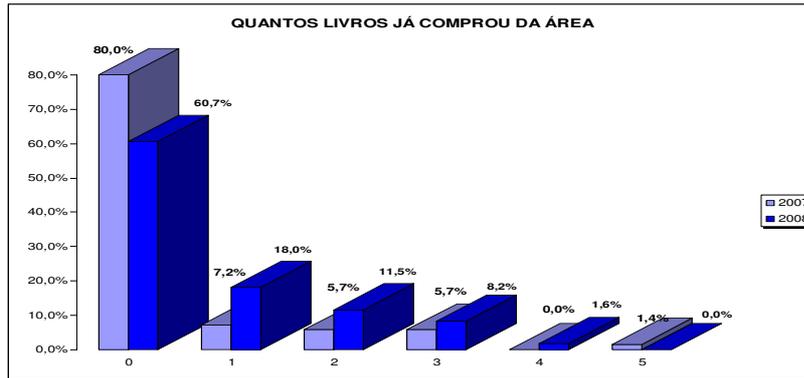
GRÁFICO 3 – ESTÁ SATISFEITO COM O CURSO



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Quando questionados se estão satisfeitos com o curso, o aluno tanto em 2007 quanto em 2008, mostra um grau de satisfação elevado: em 2007 cerca de 94% de satisfação e em 2008, 82% como mostra o gráfico acima.

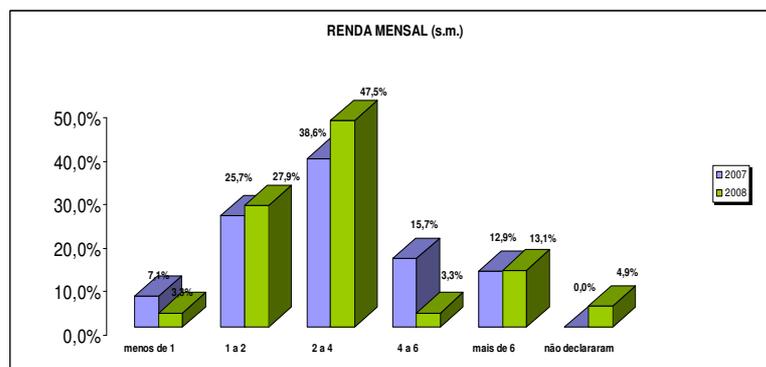
GRÁFICO 4 – QUANTOS LIVROS JÁ COMPROU DA ÁREA



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Quando perguntamos a quantidade de livros que os alunos já adquiriam na área, observamos que: a pesquisa realizada em 2007, demonstrou que cerca de 80% do alunos, não haviam comprado nenhum livro da área; em 2008 esse percentual diminuiu para cerca de 60,7%, como mostra o gráfico 4. O que nos faz associar às razões socioeconômicas da grande maioria dos alunos de Arquivologia, que têm baixa renda, como mostra o gráfico 5 abaixo.

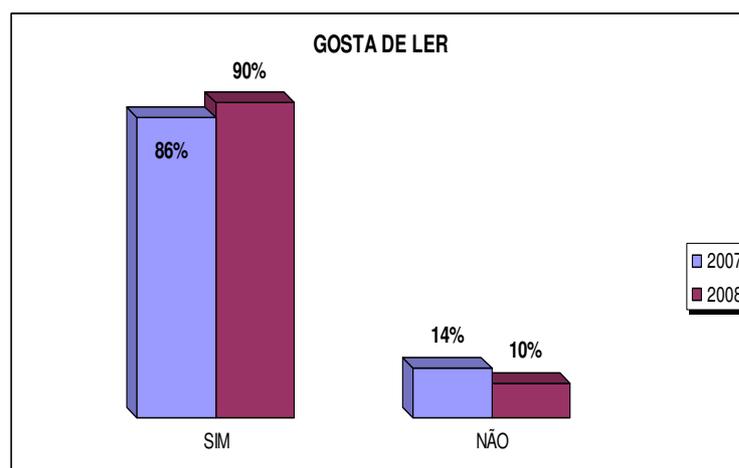
GRÁFICO 5 – RENDA MENSAL



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Sobre a renda mensal questionada aos alunos (gráfico5), observamos um dado importante: a grande maioria dos alunos tanto no ano de 2007, quanto em 2008, possuem uma renda mensal em torno de 2 a 4 salários. Há um percentual significativo que tem faixa entre 1 a 2 salários. Este dado no faz refletir sobre o problema no aluno de baixa renda, que na sua maioria, opta por um curso de baixa concorrência por não possuir condições financeiras, necessárias para se preparar para os chamados cursos mais concorridos.

GRÁFICO 6 – GOSTA DE LER

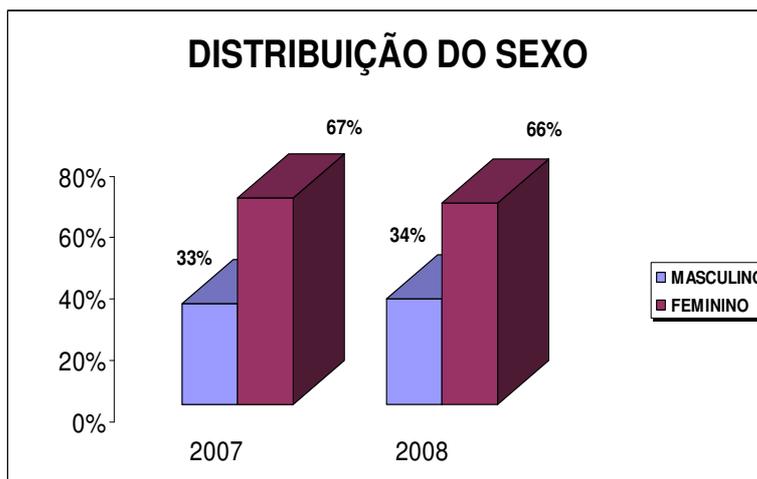


Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Quando questionados se gostam de ler, um quadro positivo nos salta aos olhos: no ano de 2007, a pesquisa constatou que cerca de 90% dos alunos gostam de ler; em 2008 o percentual atingiu a marca de 86%. Isso demonstra que os alunos de Arquivologia, têm uma consciência de que se deve desenvolver o gosto pela leitura, principalmente em uma área que necessita-se de muita leitura, pois a mesma dialoga com outras áreas do saber e, que precisa cada vez, mais, em virtude das demandas informacionais e tecnológicas, de um aluno com uma visão abrangente dos contextos informacionais. Este item, também deve ser olhado com cuidado, pois a pratica docente revela que embora haja uma motivação para ler, existe, por outro lado, uma grande

dificuldade de entendimento dos textos científicos, sobretudo quando se exige conhecimentos prévios com base filosofia e lógica.

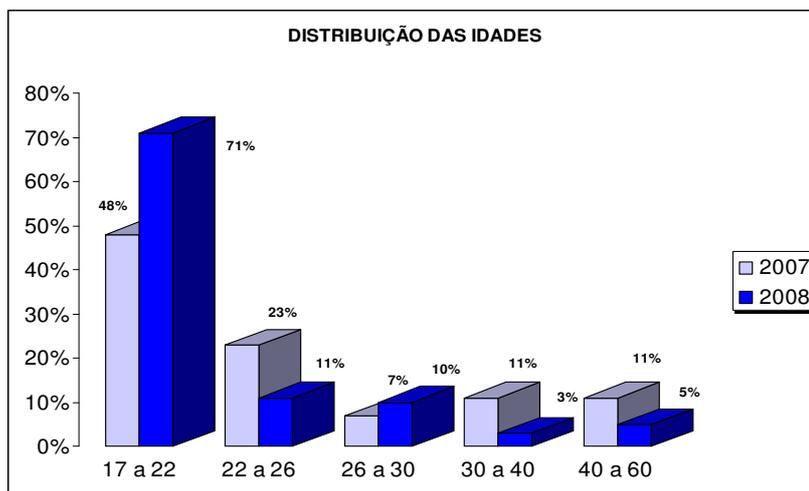
GRÁFICO 7 – DISTRIBUIÇÃO DO SEXO



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Observando o resultado quanto ao item sexo dos alunos de arquivologia, vemos no gráfico acima (gráfico 7), que mais da metade, ou seja, 66% dos alunos são do sexo feminino. Esta deve ser uma questão a ser melhor avaliada, pois parece haver uma identificação das ciências que tratam de certa forma com educação, formação, conservação e preservação com o gênero feminino, como se fosse algo natural.

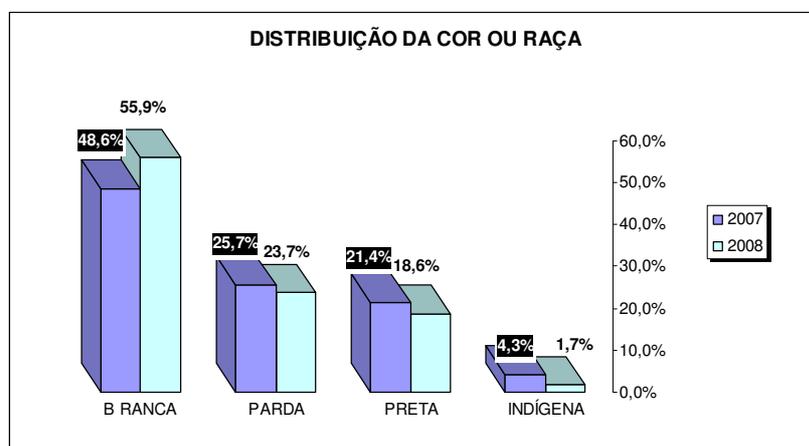
GRÁFICO 7 – DISTRIBUIÇÃO DA IDADE



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Quando questionados qual a idade dos alunos ingressos de arquivologia 200/2008, vemos que em 2007, se constituía em cerca de 48% de jovens entre 17 e 22, em 2008 esse percentual aumenta, chegando a 71% de alunos na faixa dos 17 e 22 anos.

GRÁFICO 8 – COR



Fonte: Alunos do Curso de Arquivologia UEPB - Anos 2007 e 2008

Um item relevante para nossa pesquisa, é o questionamento quanto à cor ou etnia do aluno: em 2007, cerca de 48,6% dos alunos se consideram brancos; em 2008 esse percentual aumenta, cerca de 55,9% dos alunos se consideram brancos, enquanto o percentual de negros, pardos e de origem indígena, não chega a 25%. Este dado demonstra alguns resultados e reflexões de pesquisas feitas por todo o país que trata da democratização do acesso das chamadas “minorias” às universidades brasileiras, também chama a atenção para a questão do auto reconhecimento, pois se vivemos em uma sociedade cuja a população é na sua grande maioria, mestiça, muitos não assumem a sua verdadeira etnia. A partir deste dado algumas perguntas podem ser feitas: por exemplo, quem está cuidando do registro da memória destas “minorias”? Há uma política neste sentido? A ampliação e modos de considerarmos esta questão nos trará respostas e encaminhamentos devidos.



Outra questão levantada pela pesquisa disse respeito ao grau de importância que os mesmos dão às disciplinas. Observamos um dado relevante: a maioria dos alunos dão maior importância às disciplinas técnicas do curso, desconsiderando a importância de disciplinas como filosofia ou administração. Observamos nessa "visão" dos alunos dois problemas: a não percepção da importância da interdisciplinaridade na formação do profissional em um curso que dialoga com outras áreas do conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados estatísticos obtidos refletem os problemas e as expectativas da maioria dos estudantes universitários, não havendo, até o momento, nenhuma grande novidade. Os dados que demonstram pouco tempo de estudo por semana ou compra insignificante de livros da área específica de estudos já era, de certa forma, esperado.

O que nos parece relevante destacar é o desconhecimento do estudante que ingressa na área de arquivologia sobre o que vai estudar efetivamente. Observa-se claramente, certa inquietação quando estes começam a cursar as disciplinas, pois esperam demasiadamente um estudo técnico, ou seja, à base de manuais que lhes dêem condições de manusear os sonhados papéis ou documentos de arquivos e também possibilitem responder as demandas dos concursos públicos que, no entender deles, trarão para suas vidas dinheiro, prestígio e estabilidade. E de certa forma correto se pensar assim; faz parte da mentalidade capitalista. Vivemos em uma sociedade de mercado, onde o ter e o ser são vislumbrados de forma diversa.

No entanto, o que se apresenta como ponto a se refletir, tanto pelos docentes quanto pelos discentes e instâncias responsáveis pela criação de cursos de Arquivologia é que para se trabalhar com a informação, tona-se imperioso ir além do ensino meramente técnico, é necessário uma imersão no mundo da filosofia, da história, da teoria do condicimento, da sociologia e de outras tantas ciências.

Os estudantes em sua grande maioria não consideram a disciplina filosofia como de grande relevância para o curso, as maiores indicações são para as disciplinas que no



entender destes trarão maior conhecimento, sobretudo prático para área. O que se faz necessário considerar, no entanto, é que há uma grande confusão entre o que seja uma prática, sobretudo no tocante aos estudos superiores. Não se pode prescindir de um estudo teórico sobre qualquer que seja o assunto, confirmando o que afirma o teórico e educador Paulo Freire: uma prática sem teoria e vazia é uma teoria sem prática e nula.

Em conclusão, ainda que parcial e incipiente, indicamos que a aproximação dos dados comparativos 2007/2008 e as ações junto aos alunos com palestras e discussões sobre temas pertinentes a formação do profissional em Arquivologia e, sobre o pensar e fazer ciência, necessitamos, promove um processo de apreensão de conhecimentos prévios, pelos estudantes, sobre o curso escolhido, de maneira que contribui para a redução das suas dúvidas e inquietações. Ambicionamos, a partir da radiografia do curso, a implementação de um banco de dados sobre as necessidades e as expectativas desses alunos, o que possibilitará um planejamento estratégico e o refinamento do projeto político-pedagógico da referida área. Salientamos que não há uma data fixa para o término do nosso trabalho de pesquisa e extensão, podendo, com o sucesso dessa experiência-piloto, ser estendido a outros cursos da Universidade Estadual da Paraíba.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPURRO, Rafael. **Recuperação da informação e o conceito de informação**. Rev. Ciência da informação. Jan-abr, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Vozes, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

JARDIM, J. M.; FONSECA, O. **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói-RJ: Eduff, 1999.

LEVIN, Jack. **Estatística para ciências humanas**. 9º ed. Pearson: Prentice Hall, 2006

MARTINS, G. A. **Estatística Geral e Aplicada**. Ed. Atlas -2001

NEUFELD, John L. **Estatística aplicada à Administração usando o Excel**. São Paulo: Pearson, 2005.

MORETTI, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton Oliveira de. **Estatística Básica**. 5º ed. São Paulo: Saraiva, 2006.



**ENARA - Executiva Nacional das
Associações Regionais de Arquivologia**
Arquivistas unidos pelo fortalecimento da profissão!!!

SILVA, A. M da; RAMOS, F. R. J; REAL, M. L. Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 1998.